

Sumário

PREFÁCIO

Gavin de Becker, autor do best-seller nacional

“O Dom do Medo: Sinais de Sobrevivência Que nos Protegem da Violência”

PRÓLOGO	15
CAPÍTULO 1	
O vagabundo no porão do castelo	32
CAPÍTULO 2	
O beijo despertador do conhecimento	43
CAPÍTULO 3	
As Belas-adormecidas despertam: antes e depois das aulas de autodefesa	56
CAPÍTULO 4	
Por que a Bela dorme – encantamentos do lar e da família	72
CAPÍTULO 5	
As poções soporíferas da religião e da ciência	88
CAPÍTULO 6	
As regras do reino dos homens	105
CAPÍTULO 7	
Vilânicas veladas: Ataques verbais encobertos	119
CAPÍTULO 8	
Despertando a guerreira da palavra: Defendendo nosso intelecto e idéias	134
CAPÍTULO 9	
A Rainha não está se divertindo - Exigindo respeito com autodefesa verbal	150
CAPÍTULO 10	
O lar de uma mulher é seu castelo, o mundo é seu playground	166
CAPÍTULO 11	
Cadelas, Achas de batalha e Boadicéias	180
CAPÍTULO 12	
A poção mágica do espírito de luta	192
CAPÍTULO 13	
Contos de batalha da Bela - Histórias de autodefesa bem sucedidas	205
CAPÍTULO 14	
Cavaleiros que conhecemos - O bom, o mau e o tolo	215
CAPÍTULO 15	
O mensageiro do rei e o pregoeiro da vila: Notícias e história	233
CAPÍTULO 16	
O entretenimento do rei: Filmes, TV, música e moda	247
CAPÍTULO 17	
A Távola Redonda: Pensar globalmente, agir localmente	262

EPÍLOGO	271
APÊNDICE	
Perguntas mais comuns	273
Recursos para previsão, prevenção e cura da violência	281
Leituras recomendadas	282
O MACHISMO OCULTO – Milton Maciel	288

Prefácio

Gavin de Becker

Imagine que estamos projetando uma cultura. Convocamos um comitê de gente que pensa igualmente (todos homens, lógico, porque são os homens que projetam as coisas). Já que esses tipos já estavam no comando, pareceria melhor manter as coisas assim, de modo que um passo seria inculcar algumas poucas regras. Primeiro e antes de mais nada, as mulheres servirão aos homens; elas precisarão dos homens; e elas os temerão. A penalidade para a desobediência seguirá uma escala móvel: uma mulher ofensora poder ser insultada, classificada como uma cadela, levada ao ostracismo ou mesmo assassinada. Evidentemente, o patriarcado não deixará de ter coração: Nós protegeremos nossas mulheres dos outros homens. Isso faz sentido, afinal são *nossas* mulheres.

Teremos que criar as meninas acreditando que precisam de nossa proteção - o que não é uma tarefa fácil, uma vez que cada uma delas nasce com um sistema próprio de autodefesa deveras notável. Cada uma é um animal da natureza, armada com destreza, sentidos aguçados, força, agilidade, intelecto, estratégias, esperteza e uma fantástica intuição. Mas nós lhes diremos que só elas, em toda a natureza, são inteiramente indefesas, particularmente contra homens furiosos. Isso vai poupar um bocado de pesar e as mulheres caminharão quietamente como que pisando em ovos, sempre cuidando de não enfurecer nenhum homem.

Algumas delas, é claro, testarão as regras e essas precisarão experimentar as conseqüências da insubordinação. Elas serão agredidas, estupradas ou mortas, ou simplesmente assustadas à quase-morte. E suas histórias serão contadas através dos noticiários locais, do cinema, shows de televisão, livros e jornais. A mensagem será sempre a mesma: “Elas não deveriam ter feito seja o que for que deixou algum homem tão bravo.” As conseqüências sofridas por essas poucas servirão para que muitas se lembrem que a submissão é mais segura do que a resistência.

Se alguma aberração ocorrer, se uma mulher descobre o código nuclear para seu maravilhoso sistema de defesa pessoal e escolhe usá-lo, talvez até mostrando a um homem algumas conseqüências, essa história não será amplamente contada. Isso somente encorajaria mais problema.

Mas o que é isso: Ellen Snortland escreveu um livro que diz que o *status quo* é baseado em uma *mentira*? As mulheres deveriam proteger a si mesmas? As mulheres não precisam de homens para protegê-las? Isso mudaria tudo, transtornaria a ordem natural das coisas. Ou *restauraria* a ordem natural das coisas?

O desmantelamento das defesas da mulher, causado por nossa cultura, não aconteceu do jeito que eu descrevi, mas aconteceu. Por mais complexas que sejam as razões reais, o resultado é tão simples que nós raramente o questionamos sequer: milhões de mulheres não sabem que podem se proteger, que elas são criaturas perigosas da natureza. Milhões mais, nunca considerariam empreender o mais primordial dos passatempos masculinos: proporcionar conseqüências com que enfrentar condutas não desejadas.

Mas aqui está um fato: homens não são super-homens. NÓS temos fraquezas como qualquer outra criatura – nossos olhos, por exemplo. Outra vulnerabilidade é mais famosa. A dor aguda que sentimos quando levamos o tão indesejado “chute no saco” é, como a escritora Carrie Fisher lembra aos homens, “*o que vocês conseguem por serem tolos o suficiente para usarem seus órgãos sexuais do lado de fora*”. Eu enumerei apenas duas vulnerabilidades (quatro, para ser mais exato), mas Ellen Snortland revela o resto.

Recordo de uma caminhada, após o jantar, com minha então namorada, que era instrutora da *Segurança Pessoal Impacto*. Um homem nos abordou das trevas e exigiu algum dinheiro. Ele foi um pouco mais agressivo que um pedinte de rua e um pouco menos ameaçador do que um ladrão armado. Ele estava bravo, mesmo antes de nós declinarmos de deixar de andar. E ele prontamente se interpôs em nosso caminho, para aumentar as chances de sua requisição de assistência financeira.

Esse homem estava sóbrio, sério e sadio. Estava focado intencionalmente em mim, não dando atenção à mulher ao meu lado. Eu olhei para ele e pensei: “Homem, se você não mudar seus planos, você está para levar uma lição de mudar a vida, porque, enquanto você está avaliando qual de nós dois, homens, vai prevalecer se eu resistir a você, esta mulher que você está desconsiderando vai chutar seu traseiro – e pra valer!”

Ele deve ter visto uma confiança em meus olhos que é usualmente exibida por homens que não estão sozinhos. “Você vê – eu telegrafei – esta mulher não é uma prenda que eu estou protegendo; ela é outro soldado do meu exército, a lutadora superior, ainda mais que você lhe ofereceu o elemento da surpresa. Mas não se preocupe em imaginar que arma secreta me faz tão sem medo de você. É melhor gastar seu tempo batendo em retirada.”

E foi exatamente isso que ele fez, poupando-se de uma daquelas experiências humilhantes que as graduadas do Impacto dão a abusados e criminosos desprevenidos, de vez em quando.

Será que eu advogo que as mulheres saiam marchando, encarando os homens, provocando ira apenas com a aparência do seu olhar? Não, essa tarefa já é assumida por um bocado de homens. Mas eu endosso, com cada sílaba que escrevo aqui, que as mulheres aprendam o

código da violência e aceitem que elas também têm um recurso impressionantemente poderoso dentro delas.

Ocasionalmente eu encontro uma alma tímida que diz: “Eu nunca poderia ser violenta”. Mas ela, invariavelmente, adiciona uma advertência reveladora: A menos que uma pessoa tente ferir alguém que eu ame.” Portanto, o recurso à violência está em todos nós, a única coisa que muda é a justificativa para deixá-lo assomar. As mulheres podem, justificadamente, despertar essa guerreira interior e permitir que ela faça o trabalho que a natureza lhe deu. Todos esses guerreiros, em mulheres e em homens, foram despachados com uma ordem clara: proteja-se! De fato, não podemos esperar que metade da população desobedeça a natureza, ainda que isso ocasionalmente sirva à outra metade.

E, contudo, algumas pessoas esperam precisamente isso. Por exemplo, elas ensinam a seus filhos que, quando uma mulher diz “Não”, não é isso que ela quer dizer. Desse modo a palavra “Não” é muito frequentemente o começo de uma negociação, ao invés do fim da discussão. Focalizando-se em métodos de autodefesa, tanto físicos quanto verbais, Ellen Snortland ensina uma lição a respeito da palavra “Não”. Ela mostra que falá-la explicitamente e com convicção não é rude ou antifeminino.

Quando eu encontro gente travada no assunto da grosseria (e existem muitos!) eu imagino esta conversa depois que um estranho recebe um “Não” de uma mulher que ele abordou:

HOMEM: Que cadela! Qual é o seu problema, senhora? Eu estava apenas tentando oferecer uma ajudazinha a uma mulher bonita. Por que você é tão paranóide com isso?

MULHER: Você está certo. Eu não deveria estar desconfiada. Estou reagindo demais por nada. Quer dizer, só porque um homem faz uma abordagem não solicitada e persistente, em um estacionamento subterrâneo, numa sociedade onde os crimes contra as mulheres cresceram quatro vezes mais do que taxa geral de criminalidade e três em quatro mulheres ainda sofrem um crime de violência; e porque eu ouvi pessoalmente histórias de horror de cada amiga que eu já tive; e porque eu tenho que cuidar onde estaciono, onde caminho, com quem eu falo e com quem me encontro, no contexto que alguém pode me matar, me estuprar, ou me matar de susto; e só porque várias vezes por semana alguém me diz algo inapropriado, me encara, me assedia, me segue ou emparelha com meu carro na mesma velocidade; e só porque eu tenho que conviver com o síndico que me dá asco sem que eu saiba por que, mas que diz, pelo modo que me olha que, se eu desse oportunidade, ele faria algo que nos levaria ao noticiário da noite os dois; e só porque esses são temas de vida e morte dos quais a maioria dos homens nada sabe, então eu sou levada a me crer tola por ser cautelosa, ainda que eu viva no meio de um redemoinho de perigos possíveis, QUE ISSO NÃO QUER DIZER QUE UMA MULHER DEVA FICAR PREOCUPADA COM UM ESTRANHO QUE IGNORA A PALAVRA “NÃO”.

Se os homens podem ou não conviver com isso, ou acreditar nisso ou aceitar isso, muitas mulheres vivem em uma constante vigilância. Suas vidas estão literalmente na linha de risco, de um modo que os homens não experimentam. Para aprender a este respeito, pergunte a um homem que conheça: Quando foi a última vez que você ficou preocupado ou com medo que outra pessoa fosse lhe fazer mal?” Muitos homens não conseguem lembrar um incidente

assim há anos. Faça a mesma pergunta a uma mulher e a maioria vai lhe dar um exemplo recente ou dizer: “Ontem à noite”, “Hoje” ou mesmo “Todos os dias”.

Contudo, mulheres manifestando preocupação com sua segurança são freqüentemente objeto de críticas por parte dos homens de sua vida. Eu tenho uma mensagem para as mulheres que se sentem forçadas em suas preocupações de segurança: diga ao *Senhor-Eu-Sei-Tudo-Sobre-Perigo* que ele não tem nada com que contribuir no tópico de sua segurança pessoal. Diga-lhe que o seu instinto de sobrevivência é um dom da natureza que sabe mais sobre sua segurança do que ele. E diga-lhe que a natureza não exige a aprovação dele.

O treinamento de Impacto sobre o qual Ellen Snortland escreve traz muitos dons, o mais profundo dos quais é a mudança permanente, visível, quantificável, que os graduados experimentam. Ela resulta de aprenderem - fundo em suas células - que nenhuma criatura na natureza é indefesa, que nenhuma pessoa foi colocada aqui para ser uma vítima, ou uma assustada vítima em potencial. Eu tenho várias amigas queridas que entraram no treinamento Impacto hesitantes a respeito da vida e saíram de lá com uma nova certeza. Elas estão mais seguras. Elas sabem isso e o demonstram. Elas estão também menos titubeantes, mais confiantes e, acima de tudo, menos amedrontadas. Uma grande verdade lhes foi revelada: o Imperador não tem armadura, ele tem apenas carne e sangue.

Lendo as histórias de A Bela Morde a Fera, histórias de mulheres que prevaleceram contra ataques de homens, eu encontrei o único texto que já li que equilibra nossa triste estatística: as mulheres americanas visitam as salas de emergência hospitalar muito mais por causa de ferimentos causados por seus *maridos e namorados* do que por causa de acidentes de carro, assaltos e estupros combinados. E aquelas que vão para o hospital são, num certo sentido, as afortunadas, porque *uma mulher é assassinada a cada duas horas por um marido ou namorado*. Dentro deste minuto, em que você lê estas palavras, uma outra mulher será estuprada. Que fazemos nós a respeito disso? Leis mais duras? Mais polícia? Penas mais longas para aqueles homens horríveis que atacam as indefesas?

Não, diz Ellen Snortland, deixemos de comprar o mito de sermos indefesas! Eu estou orgulhoso de ombrear com ela e acrescentar minha voz a essa mensagem. Eu espero que ela ajude a despertar algumas Belas-adormecidas, como ela tão eloqüentemente as concita a fazer. Eu também espero que os homens que elas aceitem como príncipes em suas vidas serão selecionados não porque oferecem proteção, mas porque eles se comportam do modo como príncipes devem se comportar.

Bênçãos a você, Ellen, por contar sua história, por escrever um livro original e poderoso e por mostrar que guerreiros são tão femininos quanto as mulheres que esperando que os soldados voltem para casa.

Gavin de Becker, autor do best-seller nacional “*O Dom do Medo: Sinais de Sobrevivência*”

